

# DUAS “OUTRAS” ESTRUTURAS NA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA (1960-1970)\*

**Ronaldo de Olivera Batista\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-7216-9142>

**Como citar este artigo:** BATISTA, R. de O. Duas “outras” estruturas na linguística brasileira (1960-1970). *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-28, jan./abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLL17152>

**Submissão:** 5 de junho de 2024. **Aceite:** 11 de dezembro de 2024.

**Resumo:** Este artigo retoma a presença de duas vertentes estruturalistas na história da linguística brasileira: o gerativismo chomskiano e a semântica/se-miótica greimasiana. Os objetivos dessa retomada são: 1. caracterizar duas linguísticas formais na linguística brasileira; 2. delimitar diretrizes e alcances científicos desses formalismos; 3. identificar processos sociais de institucionalização dessas linguísticas. O *corpus* é composto de: 1. artigos de periódicos, textos de boletins científicos, resenhas, livros e capítulos de revisão histórica; 2. manuais e monografias; 3. depoimentos e entrevistas. Esse material foi selecionado e analisado em três fases: 1. etapa de descoberta: definição da periodização, seleção/tratamento do *corpus*; 2. etapa de interpretação: estabelecimento de diretrizes para a análise; 3. etapa de apresentação: exposição de resultados em uma narrativa historiográfica. Nos anos 1960-1970, a linguística brasileira foi em grande parte (mas não exclusivamente) formalista em busca da sistematização de regularidades entre unidades de um sistema. Essa busca se deu também em níveis de descrição e análise, como o sintático e o semântico. Diferentes em seus intentos, as propostas de Chomsky e Greimas estiveram presentes

\* Citações de documentos históricos seguem ortografia vigente na época em que foram escritos. Mantenho, por exemplo, palavras grafadas com trema e grafias com acentos não mais empregados pelas regras ortográficas vigentes.

\*\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Bolsista Produtividade – CNPq, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [ronaldo.batista@mackenzie.br](mailto:ronaldo.batista@mackenzie.br)

nesses anos da profissionalização científica dos linguistas e encontraram solução de continuidade em diferentes grupos de pesquisa. Firmava-se, assim, no Brasil a presença de uma ciência da linguagem diversificada e plural. Essa caracterização histórica é defendida neste artigo.

**Palavras-chave:** Historiografia linguística. História da linguística. Linguística brasileira. Estruturalismo. Formalismo.

## PROBLEMATIZAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Neste texto são analisadas, sob perspectiva historiográfica, duas linguísticas estruturalistas nas propostas dos anos 1960-1970<sup>1</sup> e sua presença na história brasileira: o gerativismo chomskiano<sup>2</sup> e a semântica/semiótica greimasiana<sup>3</sup>.

Duas “outras” formas de estruturalismo, pois uma perspectiva teórica estruturalista em geral está associada, como em muitos manuais de história da linguística, ao descritivismo dos estadunidenses dos anos 1920-1960 e à perspectiva saussuriana e à de seus herdeiros intelectuais entre 1916 e 1970.

Nessa delimitação, dois questionamentos direcionam uma problematização analítica:

- Como compreender o gerativismo chomskiano e a semântica/semiótica greimasiana como exemplos de estruturalismos na linguística brasileira dos anos 1960-1970<sup>4</sup>?
- De que modo se deu no Brasil a institucionalização acadêmica desses dois estruturalismos?

Os anos 1960-1970 da linguística brasileira foram revisitados por autores como: Altman (1998, 2021), Altman e Castilho (2022), Baronas (2012), Barros (2012, 2017), Barros, Bueno e Vargas (2022), Batista (2019a, 2019b, 2022, 2023, 2024), Castilho (1971a, 1971b, 2017), Fiorin (2007), Ilari (2007), Mattoso Camara Jr. (1976), Naro (1976), Orlandi (2008), Portela (2008, 2019), Severo e Eltermann (2018) e Sugiyama (2020)<sup>5</sup>.

1 Denomino o programa de investigação de “gerativismo chomskiano” mesmo tendo consciência de que a partir de meados dos anos 1960 contribuições e revisões teóricas na proposta gerativa não tenham sido apenas de Noam Chomsky. A escolha se deve à melhor identificação de um paradigma científico que é associado a seu proponente. Essa mesma escolha está presente na denominação do programa “semântica/semiótica greimasiana”, que em seus desenvolvimentos teve outras contribuições teórico-metodológicas que não exclusivamente as de Algirdas Julien Greimas.

2 Refiro-me aqui ao modelo da gramática gerativo-transformacional divulgado no livro *Estruturas sintáticas* (Chomsky, 2015) e aos modelos estipulados pelas teorias padrão e padrão-estendido divulgados em *Aspectos da teoria da sintaxe* (Chomsky, 1978) e *Reflexões sobre a linguagem* (Chomsky, 1980).

3 Utilizo a denominação dupla semântica/semiótica pois uma não pode ser distanciada da outra em nome da compreensão de um percurso do pensamento greimasiano que começou atrelado ao formal do significado, mas que foi se encaminhando para abertura analítica, em torno de materialidades diversas que foram incorporadas na configuração de uma semiótica. Ainda: refiro-me aqui às propostas de Greimas em *Semântica estrutural* (1973), *Sobre o sentido* (1975), *Ensaio de semiótica poética* (1975/1976).

4 Delimitar o marco inicial na década de 1960 não implica desconsiderar a produção em ciências da linguagem em período anterior. Nas décadas de 1930-1950, está situada parte da produção de Joaquim Mattoso Camara Jr. (1904-1970). Além dele, podem ser apontados como nomes de uma linguística pré-1960 os de Rosário Farâni Mansur Guérios (1907-1987) e Nelson Rossi (1927-2014). Não se desconsidera do mesmo modo a produção de filólogos e gramáticos antes dos anos 1960.

5 Naturalmente que cito apenas alguns autores que trataram desse período da linguística brasileira em perspectiva revisionista histórica. Há muitos outros que não destaco por uma questão de espaço e de objetivos deste texto.

Para a análise exposta neste artigo, considero duas vertentes estruturalistas nos domínios da sintaxe e da semântica/semiótica para abordar em conjunto uma linguística (heterogênea) com predomínio do tratamento imanente e autônomo das formas linguísticas. Nesse aspecto, este texto se distancia dos citados anteriormente.

Em visão retrospectiva, coloco em diálogo o gerativismo do estadunidense Noam Chomsky e a semântica/semiótica do lituano-francês Algirdas Julien Greimas (1917-1992) como facetas de uma ciência da linguagem plural, adepta de uma cartilha científica estruturalista sincrônica e formal<sup>6</sup>.

Gerativismo chomskiano e semântica/semiótica greimasiana são associados porque, ao adotarem essas correntes teórico-metodológicas, os linguistas brasileiros buscaram o caráter explícito, rigoroso, formal e explicativo/interpretativo em suas análises. Uma procura que alterou posicionamentos que objetivavam legitimar a substituição de um tipo de conhecimento (de ordem diacrônica, ou prescritiva, ou, ainda, descritivista) por outro que colocava em destaque instrumental metodológico considerado inovador.

Um instrumental, plural diante de diferentes pontos de vista, que identificava regularidades sistemáticas que evidenciavam a natureza estrutural das línguas e oferecia suporte para retóricas<sup>7</sup> de defesa de posicionamentos científicos.

Estruturalismo e linguística estruturalista<sup>8</sup> são denominações de sentido abrangente e se referem a propostas teórico-metodológicas (isto é, programas de investigação, em outros termos) em período que vai da década de 1920 até os anos finais da década de 1970. Entre essas: o descritivismo nos Estados Unidos – com Leonard Bloomfield (1887-1949) e Kenneth Pike (1912-2000), entre outros; os estruturalismos derivados do Círculo Linguístico de Praga ativo entre 1928 e 1939 (como a semântica estrutural de Greimas); o gerativismo de Chomsky nas teorias padrão e padrão-estendido.

Uma definição como estruturalista refere-se antes de tudo a um ponto de vista, mais do que a uma corrente teórica única: é uma concepção geral de língua como conjunto organizado e regrado de unidades em permanente relação.

Diante desse pressuposto, diferentes modos de conceber as tarefas do linguista são possíveis num estruturalismo amplo. Por isso, não é de todo equivocado dizer que nos anos 1960-1970 eram *quase* todos estruturalistas.

6 Lepschy (1971) e Matthews (2009) inseriram a gramática gerativa dos anos 1950-1970 no conjunto de teorias estruturalistas. Barros, Bueno e Vargas (2022), Portela (2008, 2019) e Nöth (1996) reforçaram o aspecto estruturalista formal da semiótica greimasiana dos anos 1960-1970.

7 Retórica entendida como modos de enunciação de agentes do conhecimento linguístico em torno de associações ou rupturas científicas e intelectuais (cf. Batista, 2019b).

8 “O termo ‘linguística estrutural’ surgiu no século XX, cunhado em Praga por volta de 1928 ou 1929, provavelmente por Roman Jakobson (1896-1982). Desde então, floresceu de leste a oeste em importantes centros acadêmicos além de Praga: Genebra, Copenhague, Londres, Chicago, Yale, todos voltados para o estudo da *relação* sincrônica das funções e das formas das línguas naturais” (Altman, 2021, p. 11). “Lancei pela primeira vez o termo linguística estrutural nas discussões do Círculo Linguístico de Praga e usei-o pela primeira vez na seguinte publicação: [...] [Das condições atuais da eslavística russa]” (Citação à carta de Jakobson em Battisti; Othero; Flores, 2022, p. 56-57).

vismo. Diz Mattoso Câmara citando Joseph Hrabák: "O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio". "Vemos assim - acrescenta o próprio Mattoso Câmara - que o estruturalismo é uma posição científica geral para todos os campos do conhecimento humano. Abrange o estudo da natureza e o estudo do homem em sua criação cultural, e, pois, nesta última também o estudo linguístico". ("O estruturalismo linguístico", em Estruturalismo, Tempo Brasileiro 15/16, s/d, 2a. ed., pgs. 5 e 6). Notemos, de passagem, que o próprio gerativismo chomskiano chegou a ser apresentado como uma espécie de estruturalismo. (Miriam Lemle, O novo estruturalismo em linguística: Chomsky, em Estruturalismo, Tempo Brasileiro 15/16, s/d, pgs. 51-64; Dubois et alii, Dictionnaire de Linguistique, Larousse, na palavra Structuralism.)

### Figura 1 – Abordagem de Hoyos-Andrade sobre o estruturalismo

Fonte: Hoyos-Andrade (1978, p. 150).

Linguística formal e formalista/formalismo são termos que denotam neste texto uma abordagem imanente. Para formalistas, atribuem-se as seguintes características: preexistência, autonomia e primazia analítica da forma linguística; representações visuais correlacionadas a regras estruturais ou princípios; explicações internas ao sistema. Os estruturalistas formalistas seriam, então, na instigante caracterização de Thomas (2020), os engenheiros da linguagem.

No Brasil dos anos 1960-1970, no ensino em Letras e Comunicação e na pesquisa universitária, houve presença marcante de linguísticas formais sob influência do descritivismo de linguistas estadunidenses como Bloomfield e Pike, do gerativismo de Chomsky, da semiologia de Roland Barthes (1915-1980), da semântica/semiótica de Greimas.

Um panorama estruturalista que não foi de modo algum homogêneo. Nem em teorias e métodos, pois diferentes programas de investigação estiveram presentes. Nem em termos sociais, pois descritivismo, gerativismo, semiótica ocuparam diferentes espaços sociais; alguns em competição, outros não. Algumas dessas teorias tiveram seus momentos de destaque; outras tiveram seus momentos de ostracismo.

Além disso, é preciso sublinhar que estruturalismos formais não foram as únicas correntes teóricas dos estudos da linguagem no período aqui analisado. Contudo, o impacto estruturalista nessas décadas (que influenciou, inclusive, a teoria e a crítica literárias) é inegável e por isso é aqui recuperado historiograficamente.

Uma presença, sempre importante ressaltar, não hegemônica nem exclusiva, fazendo eco a uma recepção teórica presente, por exemplo, na França: os estruturalistas não estavam sozinhos no cenário intelectual francês dos anos 1940-1970 e não o dominaram totalmente, ainda que muitas narrativas historiográficas desejem passar essa impressão (cf. Dosse, 2007, 2021; Forest, 1995; Lévy, 1992, 2010).

## DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

Um percurso metodológico é escolha de um(a) historiógrafo(a) que se debruça sobre eventos e agentes da trajetória histórica do conhecimento linguístico<sup>9</sup>. Ao abordar uma história, elaborações narrativas resultam de um método adotado. Esse método inclui: 1. definição da periodização em diálogo com a seleção de documentos históricos (isto é, nossas fontes para análise); 2. tratamento historiográfico desses documentos; 3. construção de argumentação analítica.

### *Periodização*

O limite temporal inicial na década de 1960 deve-se à publicação da resolução federal de 1962, que tornou obrigatório o ensino de linguística nos cursos de Letras. Tal ato alterou o panorama para as ciências da linguagem em formação de pessoal, estabelecimento de canais de divulgação, organização de cursos, publicações, entre outros pontos (Batista, 2023; Rosa, 2024). O marco final na década de 1970 responde a anseio de revisitar duas décadas em que a linguística estruturalista fez história em um momento no qual uma ciência da linguagem nacional se profissionalizava, por exemplo, com a formação das associações de linguistas.

### *Seleção de documentos históricos*

Procedeu-se primeiramente à definição da periodização e à busca de fontes. Fase inicial de um percurso metodológico no qual há também tratamento dessas fontes (os documentos históricos) em leituras – de contato, de separação de fragmentos – e hierarquização do material analítico, que define posições e o papel das fontes em relação ao processo histórico ao qual permitem acesso.

Fazem parte do material de análise: 1. artigos, boletins, livros e capítulos de revisão histórica, resenhas (Altman, 1998, 2021; Altman; Castilho, 2022; Assis Silva, 1972, 1974; Barros, 1974, 2012, 2017; Batista, 2019a, 2019b, 2022, 2023, 2024; Bisol, 1986; Bittencourt, 1979; Borba, 1965; Castilho, 1965, 1971a, 1971b, 1983; Decat, 1979; Hoyos-Andrade, 1981; Kato, 1976, 1983; Kato; Ramos, 1999; Leite, 2004; Lemle, 1967, 1974, 1976; Leonel, 2010; Lobato, 1978; Lopes, 1974; Lyons, 1973; Mattoso Camara Jr., 1969, 1976; Naro, 1976; Nöth, 1996; Oliveira; Mioto, 2004; Paredes, 1976; Parret, 1974; Portela, 2019; Scliar-Cabral, 1988; Seki, 1999); 2. manuais e monografias (Barbara, 1975; Borba, 1967, 1976; Kato, 1974; Lopes, 1976; Lyons, 1973; Pais, 1977; Perini, 1976, 1977; Pontes, 1973; Scliar-Cabral, 1971; Silva, 1978; Tondo, 1973); 3. depoimentos e entrevistas (Batista, 2007; Oliveira; Mioto, 2004; Scliar-Cabral, 2009).

Como toda seleção, a escolha desse material poderá ser revista e não tem caráter de exaustividade. Há, ao contrário, uso de amostragem para evidenciar tendências teóricas e movimentos institucionais.

### *Definição de parâmetros de análise*

Uma etapa de interpretação configura o percurso metodológico após delimitação de periodização, seleção e tratamento de fontes. Nessa fase, os documentos

<sup>9</sup> *Conhecimento linguístico* refere-se ao *conhecimento sobre a linguagem* (e as línguas) ou à *história da linguística*, expressões que denotam o conjunto de ideias elaboradas e transmitidas em diferentes períodos históricos. Essas expressões se referem ao objeto de análise do historiógrafo da linguística (cf. Batista, 2013, 2020, 2025).

históricos foram observados por meio de categorias analíticas relacionadas a parâmetros internos (visão de tratamento linguístico, concepção de língua, ancoragens teóricas, dados e fenômenos linguísticos, retórica dos autores) e a parâmetros externos (contexto social e cultural, circunscrição intelectual de autores, institucionalização das ciências da linguagem, formação e atuação de grupos teóricos).

## SINTAXE GERATIVA COMO NOVO ESTRUTURALISMO NO BRASIL

Aos brasileiros, o gerativismo foi apresentado no final dos anos 1960 como “teoria revolucionária” pela resenha de Miriam Lemle (1937-2020) na revista de cultura *Tempo Brasileiro*: “O nôvo estruturalismo em lingüística: Chomsky”, texto que apresentava o modelo proposto em *Aspects of the theory of syntax* (Chomsky, 1965).

*Enfim, o impacto que Chomsky veio a ter na lingüística, pelos desafios que lançou a certa miopia pseudocientífica da primeira metade deste século, pelo modo como recolocou questões fundamentais, suscitando novos debates, mostrando novos meios de análise, abrindo novos horizontes de investigação e possibilidades de integrar fatos aparentemente desconexos numa teoria coesa e integrada, é indiscutível, e não pode mais deixar de ser tema de estudo e meditação para a lingüística do presente e do futuro, ainda que seja para sugerir alterações ou enriquecimentos para o seu modelo de gramática e o seu modelo do falante-ouvinte* (Lemle, 1967, p. 69, grifos nossos).

No final dos anos 1960 e início dos 1970, o discurso da resenha de Lemle não era isolado. A empolgação com a proposta do estadunidense Chomsky era grande: “uma corrente revolucionária na lingüística: é da chamada gramática gerativa-transformacional”; “novas questões, novas posições teóricas, novos rumos de investigação, novas formas de descrição vêm sendo propostas” (Lemle, 1967, p. 55).

Em 1970, o linguista inglês John Lyons (1932-2020) publicou *Chomsky* (Lyons, 1973, tradução brasileira: *As idéias de Chomsky*), e o texto na contracapa da tradução brasileira imprimia à linguística gerativa imagem revolucionária. No mesmo ano, Lyons ainda organizaria a coletânea *New horizons in linguistics*, na qual a proposta teórica de Chomsky seria um desses novos horizontes.

*A lingüística, disciplina outrora remota e acadêmica, tornou-se, graças principalmente a Noam Chomsky, um dos centros e uma das fronteiras do saber acadêmico. Por isso, a obra de Chomsky interessa a todos quantos queiram compreender a revolução operada no pensamento contemporâneo* (Lyons, 1973, contracapa, grifos nossos).

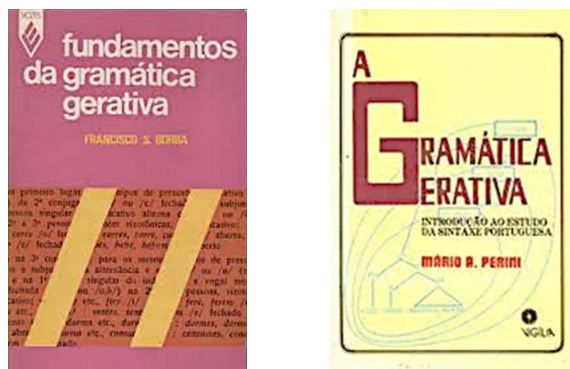
*Se a matéria, hoje em dia, se vê reconhecida como um ramo da ciência – que vale a pena estudar não apenas pelos seus méritos como pelas contribuições que pode dar para o estudo de outros temas – isso se deve, em grande parte, ao trabalho de Chomsky. Assevera-se que mais de mil professores e estudantes universitários acompanharam suas aulas (dadas na primavera de 1969, na Universidade Oxford) acerca da filosofia da linguagem e espírito. [...] As aulas de Chomsky tiveram grande repercussão pela imprensa, que as divulgou por toda a nação inglesa* (Lyons, 1973, p. 12).



Mais um exemplo de um clima de opinião favorável ao gerativismo: no início da década de 1970, Miriam Lemle e Yonne Leite eram linguistas que então despontavam como novos nomes de uma ciência da linguagem brasileira. Foi das mãos delas que saiu a organização de *Novas perspectivas lingüísticas*, coletânea com textos de Emmon Bach (1929-2014), Roman Jakobson (1896-1982), Eric H. Lenneberg (1921-1975), Paul M. Postal, Morris Halle (1923-2018), Sebastian Saumjan (1916-2007) e... Chomsky com seu clássico *Linguagem e mente*.

*Ao reunirmos neste livro alguns artigos sobre lingüística nosso intuito foi tão-somente oferecer ao público leitor uma visão geral das novas tendências desta Ciência, que se vêm firmando na última década. O desenvolvimento da lingüística estrutural caracterizou-se até recentemente por um isolamento em relação às outras disciplinas. [...] Em 1957, com o aparecimento de um pequeno livro de Noam Chomsky, professor do Massachusetts Institute of Technology, processou-se o que Emmon Bach denomina, em artigo trazido neste livro, de uma revolução “que tem algo tanto da revolução copernicana quanto da kantiana” (Lemle; Leite, 1970, p. 5-6).*

Em 1976, dois manuais brasileiros de introdução ao gerativismo foram publicados diante de um cenário com ventos a favor: Mário Perini (*A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*) e Francisco da Silva Borba (*Fundamentos da gramática gerativa*) deixavam claro que apresentavam uma teoria “revolucionária”.



**Figura 2** – Manuais brasileiros de introdução à gramática gerativa

Fonte: Borba (1976) e Perini (1976).

*Meus objetivos neste trabalho podem-se resumir nos dois pontos seguintes: (a) apresentar um esqueleto básico da teoria sintática gerativa (ou transformacional), seguindo no essencial o modelo proposto por Chomsky 1965; e (b) tentar levar o leitor, através da discussão de problemas concretos, a uma visão do tipo de raciocínio e argumentação atualmente corrente em lingüística (Perini, 1976, p. 11, grifo nosso).*

*Uma vista d'olhos nas publicações atuais sobre Lingüística nos convence da desnecessidade de enfatizar o interesse da teoria gerativa, cuja fertilidade e novas posturas vieram realmente revolucionar os estudos lingüísticos (Borba, 1976, p. 7, grifos nossos).*

Na linguística brasileira, entrava em cena a defesa do que se considerava outra maneira de fazer ciência. Postura que não dialogava com correntes linguísticas de natureza descritivista (mecanicista e behaviorista), nem com a filologia (e sua perspectiva diacrônica), nem com a gramática tradicional (classificação e prescritivista) tão presente no ensino de língua.

Além disso, o vínculo da linguística com as ciências humanas era revisto. Fazer parte de um conjunto de saberes – ciências naturais e exatas – conferia caracterização particular à proposta gerativista. Esta passava a incorporar imagens simbólicas de uma linha científica próxima do “moderno”.

A formulação matemática nas representações de estruturas e operações sintáticas era elemento metodológico que conferia ao programa gerativista características de cientificidade precisa e formal.

*A contribuição mais original e provavelmente a mais sólida, emprestada à linguística por Chomsky, reside no rigor e precisão matemáticos postos na formalização das propriedades de sistemas alternativos de descrição gramatical (Lyons, 1973, p. 42).*

Nesse clima de opinião, os cursos de Letras no Brasil viram incipientes orientações estruturalistas, na linha do descritivismo bloomfieldiano e pikeano, dividirem espaço com referenciais teóricos chomskianos.

Contudo, nem tudo foram flores nessa recepção gerativista. Houve críticas direcionadas à busca de inserção em esfera de influência “moderna”. Ao escrever texto de homenagem a Mattoso Camara Jr., Yonne Leite (2004, p. 18) testemunhou uma dessas posições contrárias:

*Mattoso Câmara presenciou a ascensão da teoria chomskiana e da fonologia gerativista. E tinha-lhe uma profunda aversão. Manteve-se sempre alinhado às hostes estruturalistas. Conhecia, porém, muito bem suas propostas e estava perfeitamente em dia com suas leituras.*

Observava-se, no lado oposto à empolgação, descontentamento com a busca pelas “teorias da moda”. Nessa perspectiva, haveria abandono da descrição de língua, cujos fenômenos passavam a servir apenas para aplicação de posições teóricas chomskianas, deixando a vocação empírica e os dados linguísticos de lado.

*A meu ver não houve desenvolvimento do gerativismo no Brasil. Durante todo o período, o que se fez foi seguir modelos, discutir problemas e propor soluções inspiradas diretamente no que se fazia no estrangeiro, principalmente nos EUA e, a partir de 1980, também na França, Holanda (Depoimento pessoal em Batista, 2007, p. 173).*

*Quanto ao tratamento do português brasileiro: aqui dependeríamos de pesquisas empíricas abrangentes, e esse é justamente um dos pontos fracos da teoria gerativista. Tenho lido tudo o que se fez a respeito, e acho que se tem dado muito pouca atenção ao português brasileiro (no que pesem títulos de livros e artigos). Isso reflete a atitude dos gerativistas em geral, que tendem a desprezar os dados em favor da teoria (Depoimento pessoal em Batista, 2007, p. 145).*

*É de todos conhecida a falta de crítica com que se encarou e, desafortunadamente, se continua encarando a “invasão” gerativista não só no Brasil mas em*



*muitos lugares do mundo. Professores e alunos, por igual, aceitaram e aceitam, muitas vezes sem discussão, tudo quanto traz o selo da pretensa revolução chomskyana* (Hoyos-Andrade, 1981, p. 99).

De qualquer modo, iniciativas gerativistas não ficaram só na retórica e, a despeito de reações negativas, firmaram-se como programa de investigação no Brasil. Uma linguística formal institucionalizada em grupos de pesquisa, cursos universitários, formação pós-graduada, publicações, eventos científicos (que culminaram, por exemplo, com a presença de Chomsky no Brasil em 1996).

Apontam-se como polos de recepção e inícios de um gerativismo no Brasil: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (com Miriam Lemle, Lúcia Lobato [1942-2005]); Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (com Mary Kato e Leila Barbara [1938-2024]); Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (com Antonio Carlos Quicoli, Quentin Pizzini, Frank Brandon); Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (com Mário Perini, Eunice Pontes).

Em entrevistas, os linguistas Carlos Franchi (1932-2001) e Lúcia Lobato disseram não ser possível apontar um único ponto de disseminação do gerativismo no Brasil. Lobato destacou o papel representado por Miriam Lemle e Anthony Naro. Já Franchi apontou vários pontos de onde teriam surgido focos de divulgação e aplicação da teoria a dados do português, com destaque para programas de pós-graduação em Linguística.

*Por toda a década dos 70, desse primeiro impulso saíram dissertações de mestrado, teses de doutorado, inúmeros trabalhos que, embora publicados bem poucos, circularam entre os “iniciados” e se divulgaram em sessões específicas nos encontros científicos nacionais (SBPC) e regionais (GEL-SP)* (Depoimento de Carlos Franchi em Oliveira; Mioto, 2004, p. 442).

*A sensação de que a Gramática Gerativa domina o panorama nacional, Franchi explica, parece dever-se ao fato de que se trata de um grupo em que há uma grande socialização do conhecimento, um grupo ativo. Não poderia ser de outra maneira, dadas as exigências metacientíficas que o gerativismo se coloca* (Oliveira; Mioto, 2004, p. 442).

O depoimento apresentado a seguir oferece uma circunscrição social dos primeiros momentos gerativistas na linguística brasileira.

*Não sei se houve propriamente um marco [do início do programa gerativista no Brasil]. Nos finais dos anos 1960, houve um artigo da Miriam Lemle na Tempo Brasileiro que foi bastante influente. Foi através dele que eu, por exemplo, fiquei sabendo alguma coisa a respeito da gramática gerativa. Logo depois houve os primeiros cursos; além da Miriam na UFRJ, posso citar os de Carl Harrison e John Martin, por exemplo, nos Institutos de Linguística realizados em São Paulo, Salvador e Belo Horizonte (1969-1970). Nessa época começaram a surgir os primeiros trabalhos de pesquisa – as teses de doutorado de Mary Kato e Leila Barbara e a tese de livre-docência da Eunice Pontes. Esses foram os primeiros professores de gramática gerativa no Brasil. Tudo aconteceu bem rápido, mais ou menos de 1968 a 1974. Em 1972-1974, chegaram os primeiros brasileiros com doutorado nos EUA: o primeiro foi o Antonio Carlos Quicoli, que foi trabalhar na Unicamp. Logo depois tivemos Yonne Leite e Margarida Basílio (UFRJ). Nessa época apareceram mais alguns estrangeiros (principalmente americanos):*

Anthony Naro (UFRJ), Quentin Pizzini (Unicamp e PUC-Campinas) (Depoimento pessoal em Batista, 2007, p. 105).

*Introdução aos estudos lingüísticos*, de Francisco da Silva Borba (1967), *Introdução à lingüística*, de Leonor Scliar-Cabral (1971), *Fundamentos da lingüística contemporânea*, de Edward Lopes (1976), foram os primeiros manuais brasileiros de introdução à linguística. Autores que didaticamente seguiram cartilha descritivista na fonética, na fonologia e na morfologia apresentaram a sintaxe em modelos gerativistas.

Além das introduções à sintaxe chomskiana de Perini (1976) e Borba (1976), as publicações das monografias de Leila Barbara (1975), Mary Kato (1974) e Eunice Pontes (1973) são exemplares de uma produção da época. Notam-se também as teses indicadas por Francisco da Silva Borba, em depoimento pessoal, como início de uma gramática gerativa no Brasil.

Ao publicar no primeiro número da *Revista Brasileira de Lingüística* um artigo sobre regras fonológicas e morfológicas, Miriam Lemle (1974) defendeu o gerativismo (como na resenha de 1967) ao pontuar que a abordagem fonológica gerativa era mais explicativa do que outras. Destacando a teoria-padrão, Lemle retomava a ruptura, a vanguarda presente numa “nova” linguística. Em outro artigo, ao abordar universais lingüísticos, Lemle (1976, p. 117) imprimiu outra vez retórica programática: “O estudo dos universais lingüísticos visa a caracterizar com precisão como podem ser as regras das gramáticas das línguas naturais”.

Também na *Revista Brasileira de Lingüística*, Vera Paredes (1976, p. 77, grifos nossos) apresentava ruptura com o estruturalismo (entendido como descritivismo) para validar argumentações. Sua retórica partia de questões metodológicas como exemplar de prática científica mais apta para solucionar problemas lingüísticos:

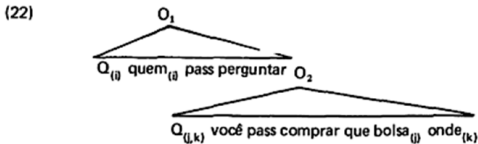
*A teoria da gramática gerativo-transformacional tem demonstrado grandes vantagens em suas aplicações aos fenômenos sintáticos, procurando descrevê-los e explicá-los com rigor e precisão. Atende também a outras exigências, pois imprime um caráter formal, explícito às definições usadas. Postulando estruturas subjacentes, consegue dar conta de fatos que uma análise estritamente superficial não revela.*

Era uma outra linguística formalista brasileira, dessa vez ancorada em características epistemológicas que a inseriam em programa de investigação teórica formal caracterizado por relações (em busca de adequação explicativa e não apenas de tarefas descritivas) entre linguagem, mente, cérebro.

Na linguística gerativista em seus modelos padrão e padrão-estendido (propostas produtivas nos anos 1970, no Brasil), diferentes níveis de representação eram estabelecidos. Proposição de regras e transformações procuravam destacar construções gramaticais operacionalizadas em nível subjacente ou profundo.

As figuras 3 e 4 evidenciam a importância da formalização nas argumentações analíticas. Além disso, a metalinguagem e formalização dos dados eram recursos para alcançar o ideal proposto como científico.

Essa proposta de Kuno & Robinson pretende mostrar que não há necessidade de índices no morfema Q, estabelecendo relações de vínculo entre esse e os SNs-q, como faz Baker (1970). A justificativa daqueles autores baseia-se no princípio de controle e na relação de comando: nenhuma transformação poderá mover um SN-q para fora de uma oração com Q e levá-lo para outra oração com Q. Em outras palavras, podemos dizer que um Q protege os SNs-q — que estão sob o comando desse Q que está mais perto deles — da influência de um Q que esteja mais alto. Isso pode ser comprovado em sentenças a que chamo de interrogativa dupla (uma interrogativa indireta encaixada numa interrogativa direta). Na estrutura (22) abaixo



não haverá necessidade dos índices nos morfemas Q de O<sub>1</sub> e O<sub>2</sub> — e nem nos SNs-q — para determinar a qual Q o(s) SN(s)-q se vincula(m). O princípio de controle e a relação de comando irão impedir que qualquer dos SNs-q que bolsa e onde de O<sub>2</sub> seja levado para o início de O<sub>1</sub>, uma vez que o morfema Q de O<sub>2</sub> — que é a oração em que estão esses SNs-q — irá proteger os SNs-q da influência do Q mais alto, impedindo, assim, o movimento.

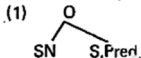
Figura 3 – Fragmento de análise gerativista

Fonte: Decat (1979, p. 61).

Tentarei mostrar, neste trabalho, sob a perspectiva da teoria gerativo-transformacional padrão, tal como exposta em Chomsky (1965), as condições sintáticas em que se processa, de um modo geral, a posposição do sujeito em português.

Diferentemente de Perlmutter (1976), não me atei apenas a sentenças com verbos do tipo de existir e seus para-sinônimos. Incluirei em minhas investigações outros tipos de verbos a fim de verificar se qualquer um deles impõe alguma restrição à transformação responsável pela posposição do sujeito. Além disso, será discutido o posicionamento do SN posposto dentro do Sintagma Predicativo (S.Pred.) que ele passa a integrar.

Partirei do pressuposto de que sujeito é, na estrutura profunda, o primeiro SN da oração, conforme a configuração abaixo, baseada em Chomsky (1965),



não me interessava averiguar se, com o deslocamento, o SN perde ou não o “status” de sujeito<sup>2</sup>.<sup>3</sup> Vou admitir, ainda, sem maiores discussões, que a regra de Posposição do Sujeito (PS) é opcional e pós-cíclica.<sup>3</sup>

Figura 4 – Fragmento de análise gerativista

Fonte: Bittencourt (1979, p. 72).

A argumentação típica do modelo gerativista dos anos 1970 partia de hipótese explicativa para um fenômeno. Essa hipótese, de caráter generalizante, passava a ser explorada em línguas específicas, tendo em vista comprovação ou não da proposição lançada.

*Examinaremos agora uma maneira pela qual podemos efetuar a subcategorização dos verbos numa abordagem gerativo-transformacional, tomando para ilustração os conceitos de base lexical (lexical base) e extensão lexical (lexical extension), introduzidos por Lakoff (1970). Para este autor, a matriz sintática de um item lexical consiste da base lexical, a qual especifica o conjunto de traços sintáticos que estabelece a distribuição do item lexical na estrutura profunda,*

*e da extensão lexical, que especifica a) se o item é sensível a alguma regra menor da gramática e b) todos os traços excepcionais, ou idiossincráticos, desse item com relação a regras transformacionais maiores requeridas pelas descrições estruturais, nos diversos estágios da derivação. Tomemos, por exemplo, dois verbos definidos como Vt na base lexical: afirmar e dizer [...] (Kato, 1976, p. 4).*

Bisol (1986) relacionou mestrados e doutorados brasileiros entre 1972 e 1980. Essa crônica identificava temas de pesquisa na linguística gerativista.

*Coincidindo com a expansão dos cursos de pós-graduação no país com o período aludido de efervescência de idéias e discussão, de resultados por nós tardiamente alcançados, é natural que o modelo padrão, elegantemente delineado no seu conjunto de regras e princípios, se tornasse a mira de todos quantos por sintaxe se sentissem atraídos. [...] Esse conjunto é formado de 63 teses, cinco das quais de doutorado. Eis aí um número expressivo. [...] A linha teórica predominante é a Gerativo-Transformacional, na sua forma clássica, fato explicável pelo prestígio e irradiação do modelo na época (Bisol, 1986, p. 2036-2037, grifos nossos).*

A produção brasileira durante os anos 1970 foi predominantemente aplicação (com ou sem crítica) de modelos descritivos e explicativos das teorias padrão e padrão-estendido a dados do português e de línguas indígenas. Dados obtidos, no caso da língua portuguesa, por meio da intuição de falantes, não raras vezes o próprio pesquisador numa recolha introspectiva de dados.

Uma produção que privilegiou fenômenos, estruturas, processos, como: transitividade verbal; complementação; qualificação, interrogação, negação; formas possessivas; sintaxe do adjetivo e do sintagma nominal; movimento, supressão, transformação de constituintes.

Recortes analíticos que podiam ser trabalhados à luz de pressupostos que buscavam tratamento formal e explícito de propriedades das línguas. Para isso, linguistas iam atrás da sistematização de regras caracterizadoras da linguagem como estrutura cognitiva relacionada a propriedades inatas, parte de um estado mental inicial do falante.

O estabelecimento de regras explícitas era destaque na gramática gerativa da década de 1970. Chomsky articulava nesse período a proposição de regras explícitas (que passariam a ser vistas de outro modo a partir dos anos 1980) a uma compreensão mais adequada de fatos linguísticos.

Mesmo que diante da polêmica de ser apenas linguística de recepção ou não, a presença de modelos teóricos e práticas de análise da gramática gerativa gerou a formação de elementos que acabaram por dar forma a um grupo teórico brasileiro.

Uma comunidade de pesquisadores que se reconheceu, desde os anos 1970, como distinta de outros grupos e com produção científica que a autorizava, inclusive, a lançar-se no panorama nacional com a retórica da diferença e da renovação.

Entre esses elementos, estão: 1. criação de espaços de institucionalização em universidades públicas estáveis na concentração de docentes-pesquisadores e na formação discente; 2. perenidade dos subgrupos no tempo; 3. capacidade de atrair estudantes, mesmo que com intensidades distintas; 4. exploração de dados e fenômenos do português e de línguas indígenas que antes não haviam sido considerados.

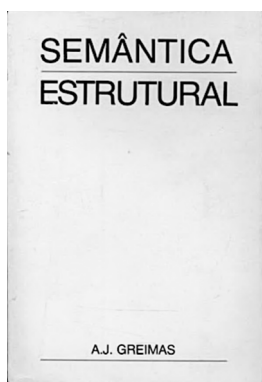
## UMA SEMÂNTICA/SEMIÓTICA ESTRUTURALISTA NO BRASIL

A semântica de Greimas dos anos 1960 teve configuração estruturalista na herança do pensamento saussuriano e inicialmente com ancoragem teórica na glossemática de Louis Hjelmslev (1899-1965)<sup>10</sup>.

Como estudo do significado e da significação, propostas teórico-metodológicas do lituano-francês desse período delimitaram o objeto homogêneo de estudo e elaboraram um modelo analítico para o nível semântico, que se ampliaria para a dimensão semiótica da linguagem em diferentes materialidades.

Uma fase clássica do pensamento de Greimas, na qual estava presente o postulado do paralelismo entre os planos da expressão e do conteúdo, com destaque para análises sêmicas a partir do modelo estruturalista fonológico de traços. Esse período é de natureza formal, de imanência analítica em torno de mecanismos linguísticos internos atuantes na elaboração e transmissão do significado e da significação.

Uma semântica que na trilha estruturalista ampliava níveis de análise formal sincrônica para além dos consagrados estudos em fonética, fonologia, morfologia. Havia nesse projeto inicialmente mais semântico um avanço na configuração de uma linguística da frase para níveis transfrásticos, o que acabou por situar o projeto greimasiano em uma teoria do texto e do discurso.



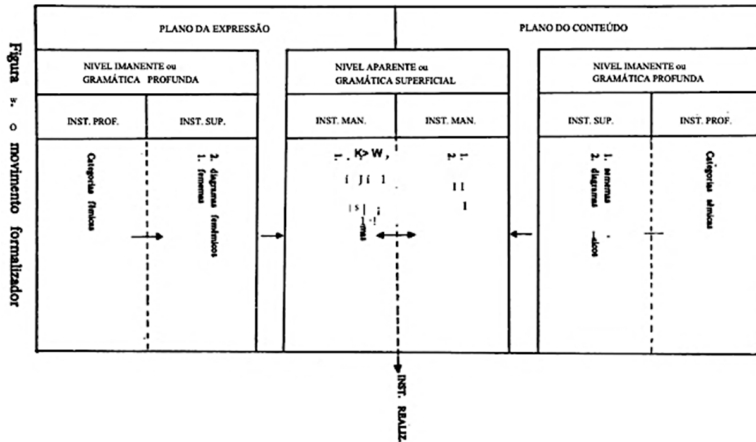
Ninguém ignora que o problema da significação constitui hoje uma das preocupações nucleares das ciências humanas, de vez que um fato só pode ser considerado “humano” na medida em que signifique algo. E para abordar o estudo da significação, nenhuma ciência está melhor qualificada do que a lingüística, em razão do rigor e formalização de seus métodos. Todavia, a província da lingüística a quem incumbe tal estudo, a semântica, é paradoxalmente a menos desenvolvida das disciplinas lingüísticas. Esse atraso histórico se explica, sobretudo, pela complexidade do seu objeto de estudo, que só agora começa a ser delimitado e abordado com espírito verdadeiramente científico.

**Figura 5** – Capa e fragmento da orelha da tradução brasileira

Fonte: Greimas (1973).

Associada à busca de formalização de seu objeto analítico, a semântica/semiótica de Greimas lançou mão de representações visuais para exploração formal de procedimentos analíticos.

<sup>10</sup> Não que Greimas tenha radicalmente se colocado como formalista no seu contexto intelectual. Ele chegou inclusive a apontar ter sido o formalismo estadunidense um dos fatores que teriam retardado os estudos semânticos. No entanto, suas opções científicas dos anos 1960 não podem ser desvinculadas de uma abordagem formalista. Foi esse formalismo semântico/semiótico que impactou estudos linguísticos no Brasil nos anos 1970.



**Figura 6** – Representação formal dos planos explorados por Assis Silva (1974)

Fonte: Assis Silva (1974, p. 40).

O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa define a lexia *crepúsculo*, por exemplo, do seguinte modo:

*Crepúsculo* = S.m. A luz fraca que precede o nascer do sol e persiste algum tempo depois de ele se por. (Fig.) Decadência. Ocaso.

Trata-se, em princípio, antes e depois do sinal de equivalência (=) por nós colocado, do mesmo semema (por isso colocamos o sinal =). À esquerda de = temos a forma condensada do semema, a sua denominação; à direita de =, temos o mesmo semema sob a forma expandida da sua definição.

(1) — *Q* precede o nascer do sol;

(2) — *Q* persiste algum tempo depois de ele se por.

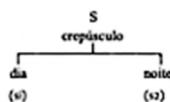
A relação estabelecida entre estes dois últimos semas, (e1) e (e2), está montada sobre o eixo de uma dupla oposição:

antes	vs	depois
	e	
nascer do sol	vs	por do sol

Essa dupla oposição fixa a função do ator não-configurativo *hiz* a partir do seu fazer cósmico-temporal: *antes* vs *depois*, *nascer do sol* vs *por-do-sol*, possuem em comum o marcador semântico /temporalidade/. Se, para estabelecer a correlação entre as duas oposições, fixarmos a razão proporcional no mesmo polo *depois*, podemos ler:

depois do nascer do sol = dia  
depois do por-do-sol = noite

Dia e noite constituem, pois, os pontos fundamentais da oposição e se comportam como termos sêmicos disjuntivos (s1 vs S2), em relação aos quais o *crepúsculo*, que tem algo do dia e tem, simultaneamente, algo da noite, constitui o termo complexo, S (S = s1 + S2):



**Figura 7** – Fragmentos descontínuos da análise de Lopes (1974)

Fonte: Lopes (1974, p. 54-55).



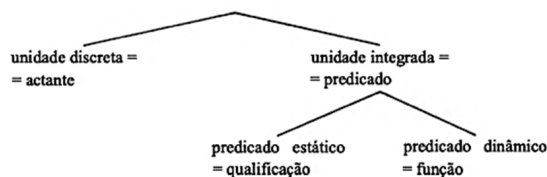
Para o bem (na formulação de um projeto teórico) e para o mal (diante de teorias atentas às manifestações sociais dos agitados anos 1960), são aspectos desse projeto greimasiano: “sua identificação ao formalismo russo e ao estruturalismo francês e sua insistência em um imanentismo ortodoxo, que lhe conferiu um caráter formal, anti-historicista e ‘idealista’, considerado alienado politicamente” (Portela, 2008, p. 45).

*Esses objetos de análise literários e passadistas, ao lado da adoção de teses fortes do estruturalismo linguístico e antropológico, forjaram um programa de pesquisa que, nos primeiros anos da teoria, conseguiu, aparentemente, ignorar as reflexões sobre sujeito, ideologia, discurso, história e memória, que inflamaram a Paris de seus contemporâneos. Essas reflexões foram julgadas – e talvez para alguns ainda sejam – como externas ou transcendentais em relação à linguagem, que, para a semiótica, deve receber um tratamento imanente, voltado para a regularidade dos sistemas ou para a singularidade dos processos. É desse sonho estruturalista que nasceu o imaginário teórico da primeira semiótica, cuja figuratividade teórica é geométrica e topológica e deu lugar a quadradados, losangos, esquemas, níveis, camadas, limites e limiares. O sentido era um objeto que era preciso cercar, isolar, decompor, hierarquizar, em suma, quantificar e topologizar. Não por acaso, a semiótica se desenvolveu a partir do nível semionarrativo, em que é mais evidente o trabalho de formalização e quantificação* (Portela, 2019, p. 134, grifo nosso).

Da busca por uma estrutura elementar da significação (em torno de oposições relacionais), a proposta greimasiana foi se dirigindo para modelos actantes e transformacionais (influência de Vladimir Propp [1895-1970] na análise do conto maravilhoso) para a elaboração de uma gramática narrativa. Nesse processo, a epistemologia inicial do projeto da semântica estrutural foi se ampliando e se reavaliando.

Os predicados, por sua vez, subdividem-se em predicados estáticos e predicados dinâmicos, segundo a categoria classemática *estatismo* vs *dinamismo*. Os predicados estáticos são denominados *qualificações* e os predicados dinâmicos, *funções*.

Esquemmatizando:



A categorização das figuras do mundo natural, exemplificada com *cadeira*, e cujos termos (alto vs baixo, etc) são constitutivos da forma do conteúdo (nível semiológico) das línguas naturais, diz respeito essencialmente aos *actantes*, isto é, às unidades discretas.

(continua)

A intencionalidade de comunicação opõe-se à não intencionalidade de comunicação, como termos contraditórios. Acrescentando-se aí a contradição entre a intencionalidade de *transformar conteúdos* e a não-intencionalidade de *transformar conteúdos*, a representação em um quadrado lógico toma-se possível. (20)



A relação existente entre **comunicar** e **fazer** (e entre **não-comunicar** e **não-fazer**) é a relação de disjunção de contrários. Os nn. 1 e 2 correspondem às dêixis, dimensões sistemáticas instituídas, a dêixis 1 pela relação de implicação entre **comunicar** e **não-fazer**, e a dêixis 2 pela implicação entre **fazer** e **não-comunicar**. A comunicação gestual ocupa a dêixis 1: comunicar e não-fazer. A práxis gestual limita-se à dêixis 2: fazer e não-comunicar.

### Figura 8 – Exemplo de análise narrativa

Fonte: Barros (1974, p. 82, 87).

Como característico na formação universitária de vários brasileiros dos anos 1960-1970, essa semântica/semiótica ganhou espaço no Brasil pelas mãos daqueles que da experiência francesa trariam na bagagem estudos orientados pelas ideias de Greimas.

*A ideia de tratar a significação lexical por meio de matrizes de traços seria utilizada, na década de 1960, por autores como os franceses Greimas e Pottier, que exploraram inicialmente esse caminho para explorar suas próprias versões de uma semântica estrutural. Esses dois autores fizeram escola no Brasil (Ilari, 2007, p. 71, grifos nossos).*

Os estudos semióticos na América Latina foram introduzidos, em geral, nos anos 60 e 70, bem no início, portanto da semiótica greimasiana, por professores e pesquisadores que leram Semântica estrutural (1973 [1966]) e perceberam ali uma nova forma de tratar da linguagem, e que tiveram alguma relação mais pessoal com Greimas (foram seus alunos, de forma regular ou não, na Escola de Altos Estudos em Paris, como foi o meu caso e de outros também). Esses primeiros entusiastas da teoria semiótica formaram uma escola de semiótica em seus países na América Latina, pois levaram a sério a tarefa que Greimas nos propôs nos seus seminários iniciais: ofereceram cursos introdutórios e avançados nas universidades em que trabalhavam, escreveram livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português e para o espanhol estudos dos semioticistas franceses. As primeiras gerações de semioticistas na América Latina, formadas diretamente por Greimas e que participaram do Groupe de Recherches Sémio-linguistiques, tiveram papel fundamental na implantação e desenvolvimento da semiótica em seus países (Barros, 2017, p. 4, grifo nosso).

Nos manuais brasileiros da época, a teoria da significação de Greimas esteve presente em meio à convivência com práticas descritivistas e com a chegada da

retórica de ruptura gerativista. No seu livro introdutório de 1967, Francisco da Silva Borba (p. 254, grifos nossos) anunciava o seguinte:

*O objetivo básico da análise proposta por Greimas é determinar os mecanismos responsáveis pela produção de discursos e textos. É um tipo de análise transfrástica que focaliza as condições internas da significação e não as relações que um texto pode manter com um referente externo.*

No mesmo manual didático em que, na década de 1970, Edward Lopes empregava o descritivismo na abordagem da fonologia e da morfologia, ao lado da gramática gerativa na sintaxe, estava a apresentação estrutural sincrônica (diferencial, relacional, imanente) da semântica de Greimas.

*A significação pressupõe a interveniência de uma relação: sem relação não há significação. Mas, o que constitui a relação? A relação é um mecanismo perceptual conjuntivo e disjuntivo* (Lopes, 1976, p. 312, grifo nosso).

*A mesma observação [daquela feita para oposições relacionais fonológicas] é válida para o plano semântico, no qual as oposições branco / preto, grande / pequeno discriminam-se dentro de um eixo comum a cada par de termos opostos, o da coloração, no primeiro caso, e o da medida de grandeza de um continuum, no segundo caso* (Lopes, 1976, p. 313, grifos nossos).

De Greimas, no intervalo de uma década, foram traduzidos no Brasil: o fundador *Semântica estrutural* (em 1973); o *Sobre o sentido: ensaios semióticos* (em 1975); a coletânea por ele organizada *Ensaio de semiótica poética* (em 1975/1976).

Uma semântica/semiótica estruturalista que começou destacadamente (e com solução de continuidade) a se estabelecer na Universidade de São Paulo (USP), na capital do estado, e em cidades do interior paulista (Araraquara, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto) onde se formariam núcleos da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Alguns dos primeiros semioticistas brasileiros na linhagem de Greimas foram Edward Lopes, Ignacio Assis Silva (1937-2000), Eduardo Peñuela Cañizal (1933-2014), Alceu Dias Lima, Tiekō Yamaguchi Miyazaki. Todos parte desse núcleo paulista.

*A linha de investigação semiótica tem seus principais e mais antigos núcleos em São Paulo, na Universidade de São Paulo – USP, sobretudo na pós-graduação em Lingüística e na Escola de Comunicação e Artes – ECA, e na Universidade Estadual Paulista – UNESP, em Araraquara e em São José do Rio Preto. Nessas universidades formou-se a maioria dos pesquisadores em Semiótica no Brasil e desenvolveu-se grande parte dos projetos de pesquisa na área* (Barros, 1999, p. 191-192).

*No Brasil, a semiótica discursiva foi introduzida nos 60, em São Paulo, na Universidade de São Paulo e na Faculdade de São José do Rio Preto, hoje UNESP, por linguistas e estudiosos da literatura – Ignacio Assis Silva, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Alceu Dias Lima e Tiekō Yamaguchi Miyazaki –, que leram *Sémanitique Structurale* e acreditaram ter encontrado um bom caminho para o exame dos sentidos dos textos e, por meio deles, para que se conhecessem melhor a sociedade e a cultura brasileiras. Esse grupo trouxe Greimas ao*

*Brasil já em 1973, para ministrar um curso de semiótica narrativa, publicou os textos desse curso, alguns inéditos, e deu início ao processo de formação de semioticistas no Brasil e de institucionalização da semiótica discursiva nos cursos de Letras. Já, então, participavam dessa empreitada Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, ex-alunos e colegas na universidade desses professores (Barros, 2012, p. 157).*

Uma semântica/semiótica que emergia vinculada também, no interior de São Paulo, aos estudos literários, na herança de semioticistas e linguistas franceses que fizeram de romances, contos e poemas material analítico.

*Talvez seja uma avaliação exagerada, mas a semiótica foi o elemento a unir os estudiosos das duas áreas, ainda que se tenha que considerar a contribuição da análise do discurso nessa integração. Aliás, a proposta inicial do Programa [de Estudos Literários da Unesp de Araraquara] foi de estudos de semiótica. Tem relação com essa origem o fato de o Programa de Estudos Literários ser marcado, principalmente, pelo foco na teoria e na análise de textos e não, por exemplo, na história literária. Fora daqui, não é incomum ouvir-se que o Programa é estruturalista e semioticista, o que não corresponde à verdade, pois as abordagens nele estudadas são bastante variadas. Quanto à atuação do Ignacio no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, cabe lembrar, primeiramente, que a abertura de um Programa no campo da Literatura na FCL de Araraquara deve-se ao grupo de semioticistas que transitavam entre a linguística e a literatura e eram credenciados no Programa de Linguística. Portanto, parece-me, não queriam, como às vezes acontece, fundar um programa para abrir espaço para si próprios ou para o departamento, mas para uma direção teórica determinada: a semiótica (Leonel, 2010, p. 3).*

Ignacio Assis Silva é nome incontornável nesse início da semântica/semiótica estruturalista no Brasil. Sua formação incluiu a viagem à França e a convivência com Greimas nos estudos de doutorado. Mesmo caminho traçado por Edward Lopes, outro nome essencial nesses estudos da significação nos anos 1970. Os dois são apenas exemplos numa sequência de pesquisadores brasileiros que seriam orientados por Greimas ou que teriam experiência de pesquisa e diálogos com ele.

Assis Silva e Lopes estiveram na linha de frente de dinâmicas sociais de formação de pesquisadores, institucionalização de um programa de investigação, publicações, intercâmbios que constituíram, consequentemente, um grupo teórico.

*[...] [Entre os anos 1970 e 1980, na Unesp de Araraquara, a] denominação das disciplinas, as ementas e as bibliografias demonstram que a semiótica permanecia como orientação teórica privilegiada. Vejamos algumas das disciplinas: “Teoria Semiótica e Semiótica da Narrativa”, ambas sob a responsabilidade do Prof. Dr. Edward Lopes; “Sistemas Signícos Não Verbais”, ministrada pela Profa. Dra. Diana L. P. de Barros; “Semiótica e Filosofia”, ministrada pelo Prof. Dr. Lauro F. B. da Silveira; “Espaço e Prática Significante”, pelo Prof. Dr. Ignacio Assis Silva; “Semiologia da Fábula”, pelo Prof. Dr. Alceu Dias Lima (Leonel, 2010, p. 3).*

O periódico fundador dessa tradição do interior paulista é *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, criada em 1974, em Ribeirão Preto. A publicação de uma revista foi iniciativa do “grupo de Ribeirão”, formado não por acaso por

Lopes, Peñuela Cañizal, Assis Silva (na companhia de Jesus Antônio Durigan). Foram eles os criadores também do Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas.

Na “Apresentação” do primeiro número da revista, diretrizes do projeto brasileiro que então dava seus primeiros passos foram explicitadas, com destaque para a retórica que reforçava a imagem desse semioticista como um cientista dos fatos da significação.

*Tanto o Centro, fundado em 1973, quanto a revista Significação, cujo primeiro número foi publicado em 1974, foram criados sob os auspícios do próprio Greimas, que, durante o mês de julho de 1973, a convite de Edward Lopes, ministrara o curso “Teoria Sêmico-Lingüística do Discurso”, na [Faculdade] Barão de Mauá [em Ribeirão Preto] (Portela, 2008, p. 67).*

#### APRESENTAÇÃO

Revista do Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, fundado em julho de 1973, em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, é publicada com o apoio financeiro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá.

Interessada na construção de uma metalinguagem científica para a abordagem dos problemas semióticos, esta revista propõe-se a tratar:

1. da significação como *semiose*, ou seja, enquanto processo instaurador da relação intra-sínica na construção dos objetos culturais, lingüísticos ou não;
2. da significação enquanto *organização semiótica das experiências*, ou seja, do processo pelo qual o *sentido* - substância do conteúdo - organiza-se em *significado* — forma do conteúdo;
3. da significação enquanto *organização do percurso sintagmático* configurador das diferentes modalidades semióticas de discurso;
4. da significação enquanto processo pelo qual as diversas substâncias através das quais se manifesta o conteúdo se recortam e se articulam para organizarem-se em *formas de expressão*;
5. da significação no âmbito da *dimensão pragmática da linguagem* - entendida como relação signo-usuários — que possibilita tratar das injunções ideológicas atuantes no discurso.

Este número de SIGNIFICAÇÃO homenageia o patrono do Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, conforme decisão unânime dos participantes do curso sobre *Semiótica da Narrativa* por ele ministrado em julho de 1973, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá. Serviram de ponto de convergência para os artigos aqui reunidos os trabalhos já publicados de A. J. Greimas bem como a teoria desenvolvida no decorrer do mencionado curso, cujas idéias, desse modo, aqui se prolongam.

#### Figura 9 – Apresentação no primeiro número de *Significação*

Fonte: *Significação* de 1974.

No contexto da USP, outro nome seria responsável pela presença da semiótica francesa nos cursos de linguística: Cidmar Teodoro Pais (1940-2009). Pais se graduou no ambiente da universidade paulistana e se doutorou na França; não sob direção de Greimas, mas de Bernard Pottier.

Pais reuniu, na década de 1970, características de um líder que rapidamente concretizou recursos e diretrizes para a implantação de um departamento e um programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos que também se caracterizou pela presença dos estudos semióticos.

*Pautado em um modelo de cientificidade proposto pelas universidades européias, sobretudo francesas, segundo as proposições de Pais, seu idealizador, o curso de pós-graduação da Universidade de São Paulo previa para os alunos*

*atividades de pesquisa e frequência a disciplinas na chamada área central e na área complementar. [...] Pais era o responsável por várias disciplinas, pela coordenação e aglutinação de um grupo. [...] ainda nos anos setenta, começou a desenvolver, acoplado ao programa da Lingüística, uma nova linha de pesquisa em Semiologia e Semiótica que passaria, aos poucos, a se tornar dominante no Departamento (Altman, 1998, p. 141, 143).*

Além da institucionalização acadêmica, a atuação de líder organizacional de Pais esteve presente na formação da Sociedade Brasileira de Professores de Linguística (também com periódico próprio, a *Revista Brasileira de Lingüística*) e na criação da revista (sob tutela de Greimas, como ocorreu com o periódico *Significação*) *Acta Semiotica et Linguistica* em 1974.

Em paralelo aos movimentos intelectuais e institucionais no interior do estado, estava, portanto, a figura de Pais, nome nem sempre lembrado pelos semioticistas que pertencem à esfera de influência do interior paulista. O controverso papel (bastante fechado em seu núcleo de irradiação teórica e pessoal) de líder organizacional e intelectual exercido por Pais na USP (onde chefiou por anos o Departamento de Linguística) certamente colaborou para que muitos linguistas, inclusive ex-alunos, relativizassem seu papel no desenvolvimento da semiótica no Brasil.

De qualquer modo, sob sua direção, assim como ocorrera no interior paulista no contexto da Unesp, disciplinas de base semiótica francesa estiveram presentes em matrizes curriculares, trabalhos de grau foram orientados, pesquisas obtiveram financiamento.

Um currículo recheado de publicações e atividades acadêmicas não permite a omissão do nome de Pais na semiótica brasileira, em especial em sua principal área de atuação no campo da significação: a sociosemiótica.

O livro de Pais, *Ensaios semiótico-lingüísticos*, de 1977, a título de exemplo dessa outra produção e veiculação de projetos semióticos, ancorava-se em Greimas e Pottier. Talvez uma das distinções entre os dois núcleos paulistas seja a presença mais destacada das propostas de Pottier em Pais. Isso pode ser evidenciado pela lista de trabalhos orientados na USP na década de 1970 (apresentada no número 1 de *Acta Linguistica et Semiotica*): Pottier supera nas orientações a referência a Greimas.

Na retórica de Pais, na apresentação do livro de 1977, posicionamento enunciativo o inseria em espaço institucional delimitado em torno de alunos e colaboradores mais próximos, das revistas *Acta Semiotica et Linguistica* e *Revista Brasileira de Lingüística* e da Sociedade Brasileira de Professores de Linguística. Tanto os periódicos quanto o centro de interlocução foram núcleos de circulação científica criados e dirigidos por Pais.

*Reúno neste livro, em forma de ensaios, alguns modelos teóricos que desenvolvemos e propusemos à discussão, durante os cursos por nós ministrados, nos anos de 1971 e 1972, na área de Pós-Graduação em Lingüística, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tomam como ponto de partida certas proposições de L. Hjelmslev, contidas em seus *Prolégomènes à une théorie du langage*, e inspiram-se, como se perceberá facilmente, nas teorias de B. Pottier e A. J. Greimas. Sua perspectiva é, pois, semiótico-sintática e semiótica. [...] Na elaboração daqueles modelos, tratam-se aspectos vários da problemática semiótica e lingüística, ligados à dinâmica dos*



*sistemas de significação, às relações entre universos semióticos, à estruturação semiológica e semêmica, à atualização das unidades léxicas em discurso, à combinatória semêmica no enunciado e às relações entre codificação semântica, a comunicação linguística, o tratamento e a transmissão da informação e o seu rendimento (Pais, 1977, p. 7).*

Uma semiótica brasileira que caminhou em duas vias que poucas vezes se cruzaram de fato, ainda que compartilhassem referencial teórico. Ações humanas que caracterizam a prática científica (mesmo que se insista em negar esse fato) estão na base dessa dissensão. Líderes intelectuais e organizacionais distintos, validações acadêmicas também distintas.

Está nos processos de institucionalização do conhecimento em toda a sua complexidade a explicação para a existência dessas duas semióticas greimasianas paralelas. Uma centrada em Pais; outra que seguiu figuras como Lopes e Assis Silva.

O olhar contemporâneo do século XXI sabe quem venceu essa queda de braços raras vezes declarada: o eixo de influência da Unesp chegaria à USP e a seus postos de chefia no Departamento de Linguística nos anos 1990 por meio de alunos que assumiram, por sua vez, novos papéis de líderes. Ficava para trás, em boa parte dos grupos que se reconheceram como de semioticistas em linguística (não na interlocução com cursos de Comunicação principalmente), a figura do Pais semioticista.

As décadas seguintes aos anos 1970 testemunharam a presença de um grupo coeso (com origem no interior paulista) consciente em termos metodológicos, muito atuante até nossos dias. Da origem em São Paulo, outros centros produtores de pesquisa e disseminadores do ensino em semiótica se estabeleceram, cumprindo o chamado que Greimas fizera a seus alunos brasileiros.

*Hoje, misturam-se várias gerações de semioticistas [...]. Temos já “netos” e “bisnetos” intelectuais, doutores em Semiótica. A formação institucional em semiótica, com a disciplinarização universitária, é um dos traços característicos de sua recepção e desenvolvimento na América Latina e, sem dúvida, o que lhe deu mais força e permitiu a adequada conciliação entre a novidade e a tradição. Desde os anos 1970, são oferecidas disciplinas semióticas em licenciaturas, bacharelados e cursos de pós-graduação (Barros, 2017, p. 4).*

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS FINAIS

O ensino e a pesquisa em linguística estavam sendo progressivamente institucionalizados após o decreto de 1962; e com caráter de permanência, ao contrário de iniciativas anteriores. Em processo contínuo, acelerado a partir dos anos 1970, eram regulares a oferta e a presença de cursos universitários, formação pós-graduada, publicações, eventos, grupos teóricos.

Em 1972, o editorial na *Revista de Cultura Vozes* anunciava: “A Lingüística, embora recente como ciência autônoma, tomou grande vulto, inclusive nas Universidades Brasileiras. E, à medida que cresceu, se subdividiu em outras ciências, com seus pesquisadores, mestres e pigmeus” (Neotti, 1972, p. 87).

Uma linguística caracterizada em muitos centros difusores de conhecimento científico e acadêmico pelo domínio das estruturas, por conta de práticas de

ensino e pesquisa que colocaram em primeiro plano a análise formal sincrônica de sistemas linguísticos.

Manuais brasileiros de introdução à linguística apresentavam didaticamente a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica em pauta estruturalista (nos seus diferentes modelos teóricos).

Ir além das estruturas e de um método formal seria objetivo de outras linguísticas que começariam a se destacar no cenário brasileiro nos anos finais da década de 1970, concedendo valor explicativo a fatores externos e sociais em torno do uso das línguas pelos falantes.

Revisões históricas de um percurso brasileiro em linguística destacam a presença nos anos 1960-1970: 1. do descritivismo linguístico, como no trabalho de Aryon Dall'Igna Rodrigues (1925-2014) em vertente estruturalista formal, com destaque no tratamento de línguas indígenas; 2. um estruturalismo com diferentes influências (principalmente do Círculo Linguístico de Praga), na base do trabalho descritivo (e didático) de Mattoso Camara Jr.; 3. ainda nesse período, Eurico Back (1923-2003) e Geraldo Mattos (1931-2014) propuseram com perspectiva descritivista uma teoria construturalista da linguagem.

O gerativismo chomskiano e a semântica/semiótica greimasiana são duas outras configurações estruturalistas formais desses anos. Nem sempre reconhecidos dessa maneira, pois fizeram oposição (ora mais, ora menos) a uma prática descritivista de análise ou a um radical imanentismo.

No entanto, em suas propostas dos anos 1960-1970, gerativismo e semântica/semiótica foram, sim, linguísticas estruturalistas formais em um sentido mais amplo dessa expressão.

Em prefácios, introduções, apresentações, contracapas, orelhas de livros, o linguista dessas duas décadas era um professor e pesquisador alçado ao posto de cientista. Em vários textos, a afirmação da linguística como ciência era insistente.

Um cientista das línguas que dominava não só a metalinguagem específica, como também a formalização de operações linguísticas a partir de dados controlados metodologicamente em perspectiva sincrônica.

Em contraponto, na produção literária e em alguns centros produtores de teoria e crítica literárias, a ciência da linguagem estruturalista não encontrava a simpatia que desfrutava entre boa parte dos linguistas e certos literatos que aderiram à análise formal de contos, poemas, romances.

O poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) elencou termos e autores de diferentes ramificações do estruturalismo linguístico, literário e semiótico/semiológico em versos do poema “Exorcismo”, divulgado no *Jornal do Brasil* em 1975.

## Discurso de Primavera e Algumas Sombras

## EXORCISMO

Das relações entre topos e macrotopos

Do elemento suprassegimental

*Libera nos, Domine*

Da semia

Do sema, do semema, do semantema

Do lexema

Do clasema, do mema, do sentema

*Libera nos, Domine*

Da estruturação semêmica

Do idioleto e da pancronia científica

Da confiabilidade dos testes psicolinguísticos

Da análise computacional da estruturação silábica dos falares regionais

*Libera nos, Domine*

Do vocoide

Do vocoide nasal puro ou sem fechamento consonantal

Do vocoide baixo e do semivocoide homorgâmico

*Libera nos, Domine*

Da leitura sintagmática

Da leitura paradigmática do enunciado

Da linguagem fática

Da fatividade e da não fatividade na oração principal

*Libera nos, Domine*

Da organização categorial da língua

Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos

Da concretude das unidades no estatuto que dialetaliza a língua

Da ortolinguagem

*Libera nos, Domine*

Do programa epistemológico da obra

Do corte epistemológico e do corte dialógico

Do substrato acústico do culminador

Dos sistemas genitivamente afins

*Libera nos, Domine*

Da camada imagética

Do espaço heterotópico

Do glide vocálico

*Libera nos, Domine*

Da linguística frástica e transfrástica

Do signo cinésico, do signo icônico e do signo gestual

Da cliticização pronominal obrigatória

Da glossemática

*Libera nos, Domine*

Da estrutura exossemântica da linguagem musical

Da totalidade sincrética do emissor

Da linguística gerativo-transformacional

Do movimento transformacionalista

*Libera nos, Domine*

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock

De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser

De Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov

De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva**Libera nos, Domine***Figura 10** – “Exorcismo”, de Carlos Drummond de Andrade

Fonte: Andrade (2014, p. 142-143).

Para a crítica literária, Drummond foi o poeta do cotidiano. Em seus versos, estão a vida e seus acontecimentos em perspectiva atenta aos sentimentos, ao humor, ao banal, ao solene, ao corriqueiro. Dessa poesia do cotidiano é que vem a leitura que Drummond fez de um panorama teórico nos estudos da linguagem no contexto cultural dos anos 1970.

Na mesma medida cristã dos que se livrariam do pecado e da impureza ao suplicarem auxílio religioso, o verso “*Libera nos, Domine*” (“Livre-nos, Senhor”), recorrente como recurso estilístico e argumentativo, queria não outra coisa além do afastamento e livramento das teorias estruturalistas que reinavam em certos centros acadêmicos.

O poeta desmontava um castelo de cartas que seria a sucessão de teorias estruturalistas, autores e sua metalinguagem. A assombrar o eu lírico, uma angústia teórica diante da avalanche estruturalista (assim se figurativiza a sucessão sem pontuação de elementos teóricos no poema) que apenas oração suplicante seria a salvação.

*Libera nos, Domine* é índice do anseio por distanciamento teórico e marca da organização rítmica dos versos em tom dramático.

Faziam parte do elenco de elementos (que finalizava com expressão latina pejorativa e nada sutil: *et caterva* [“e os comparsas”]) no exorcismo proclamado por Drummond: teorias linguísticas que operavam no limite da sentença/frase; teorias que iam além do sintático; termos metalinguísticos; a teoria de Chomsky e suas operações transformacionais; linguistas que formaram o panteão estru-

turalista: Ferdinand de Saussure (1857-1913), Nikolai Troubetzkoy (1890-1938), Jakobson, Barthes, Tzvetan Todorov (1939-2017), Greimas (1917-1992).

Durante as décadas de 1960 e 1970, a linguística estruturalista brasileira pendeu para diferentes lados entre a aceitação e a negação, entre a inovação e a recepção. Nesse percurso histórico, o Brasil não esteve distante da tentativa do domínio formal que marcou o ambiente universitário e intelectual naqueles que para muitos teriam sido anos gloriosos dos estruturalismos.

## TWO “OTHER” STRUCTURES IN BRAZILIAN LINGUISTICS (1960-1970)

**Abstract:** This article revisits the presence of two structuralist strands in the history of Brazilian linguistics: the Chomskian generativism and the Greimasian semantics/semiotics. The objectives of this resumption are: 1. to characterize two formalist linguistics in Brazilian linguistics; 2. to delimit scientific guidelines of these formalisms; 3. to identify social processes of institutionalization to aforesaid linguistics. The corpus consists of: 1. journal articles, scientific bulletin texts, reviews, historical review books and chapters; 2. manuals and monographies; 3. testimonies and interviews. The material was selected and analyzed through three phases: 1. discovery stage: definition of periodization, selection/treatment of the corpus; 2. interpretation stage: establishment of guidelines for analysis; 3. presentation stage: exhibition of results in a historiographical narrative. In the 1960s-1970s, Brazilian linguistics was largely (but not exclusively) formalist in search of the systematization of regularities between units of a system. This search also took place at levels of description and analysis such as syntactic and semantic. Different in their intentions, proposals from Chomsky and Greimas were present in these years of the scientific professionalization of linguists and found a solution for continuity in different research groups. Thus, the presence of a diverse and plural science of language was established in Brazil. This historical characterization is defended in this article.

**Keywords:** Linguistic historiography. History of linguistics. Brazilian linguistics. Structuralism. Formalism.

## REFERÊNCIAS

- ACTA SEMIOTICA ET LINGVISTICA, v. 1, n. 1, 1977.
- ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ALTMAN, C. *A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira*. São Paulo: Parábola, 2021.
- ALTMAN, C.; CASTILHO, A. T. de. Brazilian Portuguese linguistics: an overview. In: KABATEK, J. K.; WALL, A. (ed.). *Manual of Brazilian Portuguese linguistics*. Berlin: De Gruyter, 2022. p. 23-51.
- ANDRADE, C. D. de. *Discurso de primavera e algumas sombras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ASSIS SILVA, I. Direções atuais da semântica estrutural. *Revista de Cultura Vozes*, [s. l.], v. LXIV, n. 2, p. 89-104, 1972.

- ASSIS SILVA, I. Estruturação do universo lingüístico. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, [s. l.], v. 1, p. 26-42, 1974.
- BARBARA, L. *A sintaxe transformacional do modo verbal*. São Paulo: Ática, 1975.
- BARONAS, R. L. Ciências brasileiras da linguagem. *Linguasagem*, São Carlos, v. 19, [s. p.], 2012.
- BARROS, D. L. P. de. Correlação entre mundos sensíveis e línguas naturais. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, [s. l.], v. 1, p. 80-116, 1974.
- BARROS, D. L. P. de. Estudos do texto e do discurso no Brasil. *D.E.L.T.A.*, [s. l.], v. 15, n. especial, p. 183-199, 1999.
- BARROS, D. L. P. de. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista de Estudos da Linguagem*, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 149-186, 2012.
- BARROS, D. L. P. de. A formação do semioticista: experiência e paixões semióticas. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 1-5, 2017.
- BARROS, D. L. P. de; BUENO, A. M.; VARGAS, C. Semiótica na América Latina: estudos da sociedade e da cultura. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 1-12, 2022.
- BATISTA, R. de O. *A recepção à gramática gerativa no Brasil (1967-1983): um estudo historiográfico*. 2007. 192 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BATISTA, R. de O. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BATISTA, R. de O. As tarefas da linguística brasileira: ciência, história e identidade social. *Revista da Abralin*, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 1-35, 2019a.
- BATISTA, R. de O. Historiografia da linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: BATISTA, R. de O. (org.). *Historiografia da linguística*. São Paulo: Contexto, 2019b. p. 81-114.
- BATISTA, R. de O. *Fundamentos da pesquisa em historiografia da linguística*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.
- BATISTA, R. de O. A linguística brasileira nas décadas de 1960-1970: associações científicas e afiliações teóricas. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 1-33, 2022.
- BATISTA, R. de O. *A linguística brasileira: percursos históricos*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2023.
- BATISTA, R. de O. História da linguística brasileira: dois formalismos nos anos 1960-1970. *Lingüística*, Montevideu, v. 40, p. 1-21, 2024.
- BATISTA, R. de O. *Cinco perguntas sobre histórias da linguística*. São Paulo: Pá de Palavra, 2025.
- BATTISTI, E.; OTHERO, G.; FLORES, V. do. *Conceitos básicos de linguística: noções gerais*. São Paulo: Contexto, 2022.
- BISOL, L. A lingüística contemporânea e o conhecimento da língua portuguesa. *Ciência e Cultura*, [s. l.], v. 38, n. 12, p. 2035-2047, 1986.
- BITTENCOURT, V. de O. Considerações sobre condições sintáticas da posposição do sujeito em português. *Ensaio de Lingüística*, [s. l.], v. 3, p. 72-86, 1979.
- BORBA, F. da S. Bibliografia mínima para professores de lingüística em Faculdades de Filosofia, *Alfa*, [s. l.], v. 7-8, p. 151-153, 1965.

- BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- BORBA, F. da S. *Fundamentos da gramática gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CASTILHO, A. T. de. A cadeira de lingüística no curso de Letras. *Alfa*, [s. l.], v. 7-8, p. 155-161, 1965.
- CASTILHO, A. T. de. Perspectivas da lingüística na América Latina e no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, p. 4, 29 ago. 1971a.
- CASTILHO, A. T. de. A lingüística no Brasil. *O Estado de S. Paulo*, p. 5, 5 set. 1971b.
- CASTILHO, A. T. de. O papel da lingüística na identificação do padrão lingüístico. *Boletim da Abralin*, [s. l.], v. 4, p. 60-66, 1983.
- CASTILHO, A. T. de. A Unesp e a linguística brasileira. *Estudos Linguísticos*, [s. l.], v. 46, n. 1, p. 109-137, 2017.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Tradução, introdução, notas e apêndices J. A. Meireles e E. P. Raposo. Coimbra: Armênio Amado, 1978.
- CHOMSKY, N. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CHOMSKY, N. *Estruturas sintáticas*. Tradução e comentários G. A. Othero e S. M. Menuzzi. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DECAT, M. B. N. Interrogativa múltipla sobre o movimento do sintagma interrogado. *Ensaio de Lingüística*, [s. l.], v. 3, p. 56-71, 1979.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo*. Tradução A. Cabral. Bauru: Edusp, 2007. (v. I).
- DOSSE, F. *A saga dos intelectuais franceses*. Tradução G. J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2021. (v. I).
- FIORIN, J. L. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. B.; MARQUESI, S. (org.). *Língua portuguesa: pesquisa e ensino*. São Paulo: Fapesp, Educ, 2007. v. I, p. 93-104.
- FOREST, P. *Histoire de Tel Quel*. Paris: Seuil, 1995.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. Tradução H. Osakabe e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Tradução A. C. César *et al*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GREIMAS, A. J. (org.). *Ensaio de semiótica poética*. Tradução H. L. Dantas. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975/1976.
- HOYOS-ANDRADE, R. Estruturalismo e gramática gerativa: duas maneiras de fazer ciência. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I. SEMINÁRIO DO GEL, 1978, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: GEL, 1978. p. 148-169.
- HOYOS-ANDRADE, R. Resenha a *Gramática transformacional*: uma visão global de Carly Silva. *Alfa*, [s. l.], v. 25, p. 99-101, 1981.
- ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 53-92.



- KATO, M. *A semântica gerativa e o artigo definido*. São Paulo: Ática, 1974.
- KATO, M. Transitividade verbal e decomposição lexical. *Revista Brasileira de Lingüística*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 3-21, 1976.
- KATO, M. O ensino de línguas após a implantação da lingüística. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, [s. l.], v. 4, p. 51-59, 1983.
- KATO, M.; RAMOS, J. Trinta anos de sintaxe gerativa no Brasil. *D.E.L.T.A.*, [s. l.], v. 15, p. 105-146, 1999.
- LEITE, Y. Joaquim Mattoso Câmara Jr.: um inovador. *D.E.L.T.A.*, [s. l.], v. 20, p. 9-31, 2004.
- LEMLE, M. O nôvo estruturalismo em lingüística: Chomsky. *Tempo Brasileiro*, [s. l.], v. 15-16, p. 55-69, 1967.
- LEMLE, M. Analogia na morfologia. *Revista Brasileira de Lingüística*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 16-21, 1974.
- LEMLE, M. Universais lingüísticos. *Revista Brasileira de Lingüística*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 116-125, 1976.
- LEMLE, M.; LEITE, Y. (org.). *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- LEONEL, M. C. Ignacio Assis Silva e os estudos literários. *C.A.S.A. – Cadernos de Semiótica Aplicada*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 1-9, 2010.
- LEPSCHY, G. C. *A lingüística estrutural*. Tradução N. T. Feres. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- LÊVY, B. *As aventuras da liberdade: uma história subjetiva dos intelectuais*. Tradução P. Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- LÊVY, B. *De la guerre en philosophie*. Paris: Bernard Grasset, 2010.
- LOBATO, L. M. P. Teorias lingüísticas e ensino do português como língua materna. *Tempo Brasileiro*, [s. l.], v. 53-54, p. 4-47, 1978.
- LOPES, E. Interpretação do interpretante. *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, [s. l.], v. 1, p. 43-59, 1974.
- LOPES, E. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LYONS, J. *As idéias de Chomsky*. Tradução O. S. da Mota e L. Hegenberg. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- MATTHEWS, P. *Breve historia de la lingüística estructural*. Tradução A. B. Burraco. Madrid: Akal, 2009.
- MATTOSO CAMARA JR., J. Os estudos de português no Brasil. *Revista Letras*, [s. l.], v. 17, p. 23-52, 1969.
- MATTOSO CAMARA JR., J. A lingüística brasileira. In: NARO, A. J. (org.). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 45-66.
- NARO, A. J. Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil. In: NARO, A. J. (org.). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 67-114.
- NEOTTI, C. Editorial. *Revista de Cultura Vozes*, [s. l.], v. LXVI.2, p. 87-88, 1972.
- NÖTH, W. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.

- OLIVEIRA, R. P. de; MIOTO, C. Carlos Franchi: uma entrevista sobre a gramática gerativa. *Revista da Anpoll*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 433-446, 2004.
- ORLANDI, E. O funcionalismo e o formalismo na linguística brasileira dos anos 60/80 do século XX. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org.). *A fabricação dos sentidos: estudos em homenagem a Izidoro Blikstein*. São Paulo: Humanitas, Paulistana, 2008. p. 141-153.
- PAIS, C. T. *Ensaio semiótico-linguísticos*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- PAREDES, V. Considerações sobre os complementos verbais regidos de *a*. *Revista Brasileira de Linguística*, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 77-91, 1976.
- PARRET, H. Dialogues with Algirdas J. Greimas. In: PARRET, H. *Discussing language*. The Hague/Paris: Mouton, 1974. p. 55-79.
- PERINI, M. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília, 1976.
- PERINI, M. *Gramática do infinitivo português*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- PONTES, E. *Verbos auxiliares no português*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- PORTELA, J. C. *Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana*. 2008. 181 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.
- PORTELA, J. C. Semiótica didática: percurso histórico-conceitual de uma prática de análise. *Estudos Semióticos*, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 74-81, 2019a.
- PORTELA, J. C. Semiótica e ideologia. *Revista do GEL*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 132-142, 2019b.
- ROSA, M. C. *Uma viagem com a linguística: um panorama para iniciantes*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pá de Palavra, 2024.
- SCLIAR-CABRAL, L. *Introdução à linguística*. São Paulo: Globo, 1971.
- SCLIAR-CABRAL, L. Retrospecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, [s. l.], v. 14, p. 1-11, 1988.
- SCLIAR-CABRAL, L. Sobrevivente da segunda geração de linguistas no Brasil. In: HORA, D. da et al. (org.). *Abralín: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p. 195-204.
- SEKI, L. A Linguística indígena no Brasil. *D.E.L.T.A.*, [s. l.], v. 15, esp., p. 257-290, 1999.
- SEVERO, C.; ELTERMANN, A. C. Língua e brasilidade no pensamento linguístico dos anos 1940-1960. *Investigações*, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 410-428, 2018.
- SILVA, C. *Gramática transformacional: uma visão global*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- SUGIYAMA, E. *O ensino de linguística no Brasil (1960-2010)*. 2020. 280 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- THOMAS, M. *Formalism and functionalism in linguistics*. New York: Routledge, 2020.
- TONDO, N. *Uma teoria integrada da comunicação linguística: introdução à gramática transformacional*. Porto Alegre: Sulina, 1973.